

## TERRITORIALIDADES CAMPONESAS EM PATOS-TEMEROSO: Percursos por Meio da Memória

Jéssica Soares de Freitas<sup>1</sup>  
Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior<sup>2</sup>

### Resumo

Mesmo que tenhamos diversas tecnologias da comunicação na contemporaneidade, o rádio, invenção do final do século XIX/começo do século XX ainda continua relevante, principalmente em lugares mais afastados de centros urbanos e que carecem de estruturas para suportar o sinal de televisão e a internet. A comunidade Patos-Temeroso, localizada no município de Gurinhatã-MG é um desses casos, devido seu relevo com formação de serras, mesmo o sinal de rádio enfrenta dificuldades para chegar nas casas dos *patenses*. A pesquisa intenta compreender as lógicas camponesas e suas territorialidades por meio da memória de seus moradores na chegada do rádio, a intensificar suas relações com o lugar e, conseqüentemente, a formar suas territorialidades. Para tal, baseamos na pós-modernidade científica de forma a entender as lógicas inerentes ao complexo passado-presente e tradição-inovação.

**Palavras-chave:** lógicas camponesas; memória; territorialidade.

### Considerações Iniciais

Na atualidade a memória está cada vez mais conectada com os acontecimentos externos e internos do sujeito de forma a intensificar sua territorialidade e sua própria identidade. Nas pequenas comunidades rurais tais aspectos são ainda mais intensos, de forma a cooperar para a manutenção da ativa vida de reciprocidade de uma Comunidade.

Tanto a Geografia Agrária quanto a Geografia Cultural intentam compreender as mudanças do espaço rural brasileiro contemporâneo com a finalidade de desvendar as nuances do mesmo. Nesse sentido, a abordagem cultural parte do ponto de vista do sujeito, a intensificar seus aspectos individuais e culturais do grupo do qual o mesmo está inserido.

Um dos grupos mais proeminente no histórico do campo é o camponês, grupo o qual se tem discussões vívidas em vários campos do conhecimento, tais como Antropologia, Sociologia e a própria Geografia. Aqui entende-se o modo de vida camponês (WOORTMAN, 1990) como principal aporte para a construção do pensamento exposto.

Dessa forma, compreende-se que a comunidade Patos-Temeroso, localizada no município de Gurinhatã-MG, encontra-se no contexto de campesinidade. Suas lógicas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia), Bolsista CAPES, jessicasoaresfreitas@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia), Bolsista CAPES, carlosroberto2094@gmail.com.

permeiam aquelas características desse grupo tais como a reciprocidade, a religiosidade, a ligação com terra e o senso de união comunitária.

Todos esses elementos são encontrados por meio das histórias percorridas pelos *patenses*, como os próprios se denominam, desencadeadas pelas lembranças que ativam suas memórias. Tal comunicação foi possível com o desenvolvimento de entrevistas não direcionadas e estudos bibliográficos sobre campesinato, territorialidade, lugar e memória.

A pesquisa se encontra no universo do método pós-moderno, ao retornar à tradição e compreender sua constante mudança na contemporaneidade, além de compreender a necessidade de várias linhas de pesquisa ao entender suas finalidades e limites. Nesse sentido o objetivo do trabalho se constitui em compreender as territorialidades dos camponeses do Temeroso por meio de suas memórias do/no lugar e suas convivências comunitárias. O lugar se faz primordial para compreender o sentido de territorialidade e como o mesmo se processa por meio da memória.

### **Memória, Identidade, Lugar e Territorialidade: A comunidade Patos-Temeroso em suas lógicas**

Muitos sujeitos localizados no *interior* possuem o sonho, ainda que majoritariamente ilusório, de ir para a cidade grande em busca de melhor emprego para que possa manter ele próprio e sua família. Ou seja, a migração, em grande parte dos casos, é um processo social motivado pela polarização de espaços gerada pela acumulação capitalista, como aponta Corrêa da Silva (1986).

No entanto, nem sempre a busca é apenas por trabalho. Os mais velhos são, muitas vezes, levados para outras localidades por seus filhos ou por escolha de seu próprio corpo que necessita de mais cuidados, quando existe essa possibilidade. Na comunidade Patos-Temeroso, localizada em Gurinhatã, no pontal do Triângulo Mineiro, a saída do produtor camponês ou de seus filhos é bem presente.

Segundo Karjalainen “em termos fenomenológicos, lugares são as partes da realidade espacial que foram reclamadas pelas intenções humanas” (2012, p. 7). Compreende-se que qualquer espaço só se transforma em lugar à medida em que o sujeito dá significado a ele (TUAN, 2013), a fazer com que tenha uma conotação pessoal àquela porção. Essa “porção” espacial apreensível tem a possibilidade de ser multiescalar.

Como ressaltam Torres e Kozel (2012), o lugar pode ser tanto uma abstração, como o País ou Município, quanto uma porção concreta e vivenciável corporalmente, como o lar; variando, em devida proporção, como aponta Pocock (1981) quanto à intensidade de sentido atribuído.

Ao sair fisicamente do lugar, por vezes, o sujeito sente que está “traindo” seu lugar, aquele espaço que o habitou. No entanto, ele permanece vivo por meio da memória, pois, a memória dá a *ilusão* do que aquilo passou pode ser acessado novamente na condição de lembrança (CANDAU, 2014, p 15). A *lembrança*, em outros termos a substantivação do lembrar, ao se consubstanciar com outras lembranças transforma certas experiências, que podem ter sido experienciadas como ruins na época vivenciada, como boas, com certo ar de nostalgia.

*Pra hoje mudô muito as coisa...Acho que mudô pra pior...Não pra melhor... Porque... Se cabou o pessoal de lá, né? Ficô ruim lá... Chega lá é aquela tristeza no Temeroso... Tem ninguém... As missa lá... Chega lá num tem ninguém... Agora cabo o pessoal...As coisa vai mudano, né...Questão de época...Antigamente tudo que ocê produzia ocê vendia...E tinha bons mercado...tudo... (S.A., março de 2016).*

As principais relações, para eles, já que vários interlocutores disseram considerações parecidas com a de S.A., eram gestadas nas missas, nas festas e nas atividades de produções agropecuárias que eram de maior intensidade. Para ela, esses elementos adensavam o lugar e o sentido de *ser* do lugar, ele se sente pertencente ao território e, ao ver tais crises decorrentes do êxodo rural ocorrendo de forma tão rápida faz com que ela queira deixar para a memória o que é bom, o passado.

Com isso, pode-se considerar que “nostalgia is adaptive: it helps to put together broken parts, builds a bridge between past and present, increases self-esteem and life satisfaction, and reinforces social ties.” (LEWICKA, 2014, p.53). Por meio da nostalgia, o sujeito faz com sua “roda social” seja incrementada.

Segundo Tuan (2011), o lugar só tem sentido efetivo depois de certo período de tempo; para o autor “podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira.” (2011, p. 14). Quanto mais o lugar é experienciado, mais seu sentido e significado é importante para o sujeito.

---

<sup>34</sup>“Nostalgia é adaptativa: ajuda a colocar junto partes quebradas, construir ponte entre passado e presente, aumenta a auto-estima e vida satisfeita e reforça laços sociais.” (LEWICKA, 2014, p. 53, tradução livre).

Conforme Berdolay; Entrikin (2014, p. 110), “[, ] o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer as ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente”. É na ligação complexa de sua identidade que o lugar é revelado e tido como **seu**, a referenciar seu cotidiano.

No entanto, conforme Relph (1976, p. 45), “possibly because it is so fundamental, identity is a phenomenon that evades simple definition, although some of its main characteristics are apparent.”<sup>4</sup>. A identidade, é complexa, de difícil obtenção de uma única definição ou categorização. Ela parte do indivíduo, de sua formação histórica e social e requer compreensão a partir de sua subjetividade.

Complementamos baseando-nos em Cruz(2007) para quem a identidade é um constructo subjetivo, a partir das representações, discursos, e sistemas simbólicos e não despreza as experiências objetivas e práticas sociais, sendo ela mutável e indefinida. Assim, a busca humana pela identidade é um processo contínuo de definir, reinventar e inventar sua história, a combinar o passado com o presente rarefeito (SASAKI, 2010). Essa característica mutável da identidade também possibilita que nossa referências ao longo da vida sejam passíveis de mutação.

De acordo com Buttimer, (1993, p. 32), “*Identity* subsumes the perennial interest that humans express in developing symbolic and cognitive modes of self-identification and an image of their place in the world”<sup>5</sup>. A partir da identidade, nós nos colocamos perante o mundo com nossa própria imagem de lugar. Tal referência nos possibilita nos mostrar perante o outro e ter nossa própria auto-referenciação. Conforme I.F.,

*Parece que o povo era mais unido né...não sei...porque era tudo na roça né, não ia para a cidade né, quando saia era por precisão, aí saia né...mas encontrava mais, a noite ia para casa dos outros...conta causo dos mais antigos ainda né. Eu mesmo gostava até de ouvir os causo que eles contava. Muita coisa que eles falavam tá acontecendo mesmo. Eu lembro deles fala. Sobre pouca roça, pouca gente na fazenda, isso tudo eles falavam né. Eles falavam assim...muito pasto e pouco rasto né que o povo ia fica pouco na fazenda.” (I.F. março de 2016).*

<sup>4</sup> “Possivelmente porque é tão fundamental, a identidade é um fenômeno que evade a definição simples, embora algumas de suas principais características sejam aparentes.”. (RELPH, 1976, p. 45, tradução livre).

<sup>5</sup> “A *Identidade* agrupa o interesse perene que os seres humanos expressam ao desenvolver modos simbólicos e cognitivos de auto-identificação e uma imagem de seu lugar no mundo”. (BUTTIMER, 1993, p. 32. Tradução livre).

Considerando que “o papel da memória, apoiada nos lugares, é nos ambientar e reconduzir a nós mesmos e aos lugares seguros” (SILVA, 2015, p. 30), pela memória pode-se viajar através do tempo retornando ao lugar que o sujeito reclamou para si, seja ele de mais idade, seja ele de pouca idade. Assim, “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nos modelada”. (CANDAUI, 2014, p. 16).

I.F., em sua fala revela que o conhecimento era transmitido principalmente de forma oral, pela fala, pelas histórias dos mais velhos que compreendiam o que poderia acontecer no futuro e que, para ela, se revela agora, na contemporaneidade. Um dos principais pontos é o fato da saída das pessoas do campo e da falta de roça, de comida nesse futuro em que agora estamos vivendo.

Mesmo que na atualidade ela esteja morando na cidade, seu entendimento camponês ainda perdura na mesma, ao lembrar dos modos de produção e a vida na roça quando ainda era presente no lugar. Nesse sentido, entende-se, assim como Woortmann (1990, p. 13) que, “prefiro então falar não de camponeses, mas de campesinidade, entendida como uma qualidade presente em maior ou menor grau em distintos grupos específicos.” Dessa forma, a campesinidade ainda é presente em suas falas, assim como de outros *patenses*, que vivenciaram seu lugar e lá criaram seus vínculos.

Ao dialogar com Heidrich, nota-se que “por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através de práticas sociais, é que se produz território, que se constitui uma territorialidade”. Dessa forma, a ligação com o lugar, com as memórias do lugar, com o passado constitui na vivência permanente com o mesmo e, dessa forma, na constituição de sua territorialidade campesina.

A vida em comunidade permeava vários nexos que derivaram da transformação comunicacional que o rádio possibilitou. Antes de tal tecnologia ser popularizada nas casas do Temeroso, as festas eram divulgadas de modo pessoal. C.R. afirma que em questão de instantes todos já sabiam da festividade,

*A gente ficava sabendo das festas pelas pessoas, um passando para o outro. Ia passando pro outro e num instantinho parecia que tinha anunciado no rádio.<sup>6</sup> (C.R.).*

A comunicação interpessoal era o que mais havia de importante no Temeroso. Mesmo com esta precariedade os camponeses conseguiam se relacionar para espalhar as notícias

---

<sup>6</sup> Diálogo Realizado em março de 2016.

necessárias para a manutenção da vida em comunidade. A festa, configurado como importante elemento cultural era vista por eles como principal elo comunitário e, por isso, com a popularização do rádio, a divulgação das mesmas por meio de tal mídia colaborou para a participação de mais pessoas nas festas que eram realizadas pelos *patenses*.

As festas, especialmente as religiosas, produzem conexões com a comunidade. Segundo Bezerra (2008, pp. 7-8), “as festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletem o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares”. Na comunidade de Temeroso a festa aos poucos se perdeu, seja pela morte de quem as organizava, seja pela saída das pessoas do lugar o que enfraqueceu sua constituição.

A constituição das festas também fortalecia o sentido de lugar. Com a divulgação ampla, havia mais chance de que as pessoas se identificassem com aquela festividade e participassem da festa. Também, outro momento em que se reuniam era no futebol, que envolvia várias comunidades, do município e vizinhos com jogos amistosos e campeonatos que também era divulgado pelo rádio. De acordo com S.A.,

*Os meio de informação era só pelo rádio, pra comunicar tudo, passa, no caso assim, um convite numa festa, dum futebol que a gente tinha um time lá, ‘O Temeroso vai jogar tal dia em tal campo, São Simão, vai jogar em Campina Verde, Ituiutaba, Nós tinha lá essa rádio, A Platina, era o meio de comunicação! Nós passava aqueles aviso e eles lá a mesma coisa! ‘O time de tal lugar vai jogar lá no Temeroso’, Então todo mundo ficava sabendo, Era aquela coisa, Juntava gente lá que parecia uma festa! Então era o rádio!*

O futebol, esporte que é conhecido mundialmente é importante elemento cultural para o Brasil e também era constituinte de Temeroso. Os jogos que ocorriam entre as comunidades eram sempre acompanhados pelos moradores da comunidade. Assim, os jogos, que também eram considerados festas para eles, eram importantes para o lugar Temeroso.

S.A. também comenta sobre, a rádio Platina. Esta na contemporaneidade é inexistente e era o meio de comunicação mais importante. Tanto as festas quanto os recados eram repassados por meio dessa emissora, já que a maioria a escutava e era uma das únicas. Até então, a Rádio Platina era regional e que alcançava a comunidade com uma qualidade de sinal razoável. C.G. conta que,

*Na época da rádio, quando tinha rádio anunciava na rádio. Aí quando fazia aquela festa mais, aí anunciava na rádio. Para anunciá tinha que ir em Ituiutaba, aí era*

*rádio Platina né. Aí ia lá pagava pra anunciá, pedia o anuncio que você queria né, aí pagava pra eles e eles anunciava, uma semana, o tanto que ocê quisesse.<sup>7</sup>*

O deslocamento até a cidade de Ituiutaba (cerca de 90 km da comunidade) também mostra o comprometimento dos sujeitos para com a festa, no antes, no caso da divulgação. A possibilidade de divulgar de forma mais rápida, impulsionava os sujeitos, que já realizavam a viagem para comprar mantimentos, a também pagar para anunciar na rádio.

O anúncio por meio da Rádio Platina só era realizado mediante pagamento que, os sujeitos declararam ser uma quantia pequena. Quando era festa, pagavam uma quantia relativa a divulgação uma ou duas semanas para que sua festividade pudesse alcançar mais ouvintes e pessoas nas festas. Ainda na atualidade as festas, embora quase inexistentes, ainda são divulgadas pelas rádios, além de outras estratégias de divulgação. De acordo com J.D.,

*Aahh é anuncio né? Põe, põe nas rádio da cidade, dessas cidades, vamo supor, de Ituiutaba, Iturama, União de Minas, eeh, aqui de Gurinhatã mesmo né. Anúncio cum cartaz, tem os locais certo, pá, cê sai nessa, na rodovia aí, tem aonde cê coloca, uns nus bar, nus buteco né, de rodovia. É, través de cartaz cê propaga aqui as festas. Mas põe nos rádio também de Ituiutaba. Geralmente mais é Ituiutaba, Gurinhatã, União de Minas, é desse jeito.<sup>8</sup> (B.).*

Para além das rádios, os cartazes e a habitual divulgação nos bares também auxiliam a publicização da festa, do jogo de futebol e do campeonato de truco. Todas essas celebrações ocorriam no Temeroso e penetraram intensamente na memória dos sujeitos, evidente ao lembrar do lugar. Para que as reuniões da comunidade com aquelas próximas pudessem ocorrer, o rádio era o principal meio de divulgação das festas. Na contemporaneidade ele continua sendo importante, mas foi substituído, em parte, pela *internet*.

Com o fechamento da Platina, as rádios que presentemente anunciam as festas, são a Cancellia, Interativa, Clube, algumas rádios de Campina Verde e, até o ano de 2016, a Rádio Novo Horizonte. Dessa forma, a amplitude de rádios aumentou e, assim, a possibilidade de divulgação. Com a introdução do telefone, o deslocamento físico para o rádio não foi mais necessário, e a facilidade aumentou a gama de escolhas.

A contra passo, as festas, pelas saídas dos sujeitos, diminuem consideravelmente, a fazer com que a ligação com as rádios para tal realidade seja dispensada. No entanto, na época em que o rádio era mais proeminente, para além das divulgações das festas havia também a

<sup>7</sup> Diálogo Realizado em março de 2016.

<sup>8</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

possibilidade de enviar recados personalizados, conforme necessidade de cada pessoa. Segundo S.A,

*Na minha época era através do rádio que a gente tinha, Ituiutaba, tinha uma rádio lá, A gente quando ia, Queria passar notícia pra lá, As festa, Convidava eis pra lá, Nós ia na rádio e montava, fazia o convite manual, ai levava lá na rádio e eles imprimia lá e anunciava todo dia, Óia, 'A gente paga tanto pra passa tantos aviso por dia', Então os meio de comunicação na época já era através do rádio. Num tinha outro. Os telefone só tinha na cidade, Algumas roça tinha aquele troço, de tocar assim \*faz um gesto circular com a mão\*, uns grande assim ó \*indica com as duas mãos um espaço que vai do chão até a altura da cabeça {se encontra sentado no momento da fala}\* e eu cheguei a ver, mas olha eu não cheguei a ter não, Mai teve uns vizinho meu lá que teve, Eles falava entre sí as família.<sup>9</sup>(S.A.)*

Tal aparelho, por ser caro, existia apenas nas casas de famílias mais ricas da região e falava apenas entre os familiares. Tal tecnologia era segregatória e a maioria utilizava o rádio para comunicar-se, já que o rádio era único que tinha telefone que conectava com o da cidade, que era de difícil conexão, já que a instalação era realizada por fios subterrâneos em curta distância.

Para o uso do rádio transmitindo recados, demandava aos interessados a escrita de uma carta indicando o que queriam que fosse falado. Ou seja, apenas os letrados podiam entregar recados para que a rádio divulgasse, já que tal relação era feita somente pelo papel.

A despeito disso o meio de comunicação comum era o rádio e, os avisos para as famílias eram propagados, principalmente quando viajavam e precisavam avisar para seus pais, sua esposa e filhos que a viagem duraria mais do que o esperado.

Se considerado que “toda ação humana possui uma dimensão espacial que se revela por meio de uma espacialidade que conduz o vir-a-ser do fenômeno” (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p.11), essa maneira de usar o rádio apregoava uma lógica espacial dotada de especificidades. Ao transmitir o recado de seu ir e vir, o indivíduo criava, momentaneamente, uma possibilidade de tramitação e evitava problemas. Era, portanto, um modo de diminuir as distâncias referenciais daqueles que se comunicavam a nível local. A assimilação do rádio para os avisos pessoais, o J.A. relembra assim:

*Cê pagava e eles falava 'passava tantos aviso'. Ai passava tantos aviso. Vamô vê só, A muié ia ganhá minino, Aí o minino nascia, aí ó 'Zé Amaral avisa que a mulher dele teve uma linda garota e tal..tudo bem pan pan pan, ' pronto ou, igual, Seu Basilino ia pra lá, num podia vim, atrapaiava? 'Ó, O Basilino Barbosa avisa que num vai*

<sup>9</sup> Diálogo realizado em março de 2016.



*poder í hoje não, Só vai amanhã ou depois, ' outro dia já falava na rádio. Aí eu tinha que já í busca ele lá no ponto. Assim num era só ele, Era todo mundo.<sup>10</sup>*

Quando alguém não podia se deslocar para o Temeroso como era programado, o aviso na rádio era necessário para que as pessoas soubessem o dia que ele iria voltar e que ele estava bem. A considerar que “a realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens” (DARDEL, 2011, p. 34), as condições de existência apontadas pelo diálogo mostram situações de vida em que o labor se somava às dificuldades de locomoção. Como realidade geográfica, o Temeroso evidenciava modos pelos quais os sujeitos necessitavam criar estratégias para tornar afáveis as imposições locais no meio. Passar uma música, por exemplo, significava que estava sendo lembrado pelas pessoas queridas e a retribuição era necessária. Segundo M.,

*Fazia aniversário o povo passava música pelo rádio, pros outro.<sup>11</sup> (M.).*

Para além do reforço de nexos e vínculos ao lugar, a transmissão e constante retorno de músicas em contextos de aniversários se configura como um modo menos rígido de estabelecimento de reciprocidades. Essa é um dos elos fundamentais da comunidade camponesa (WOORTMAAN, 1990) e evidencia elementos que materializam o modo de vida no lugar.

Como “os seres humanos não suportam viver em permanente estado de ansiedade. Necessitam manter uma sensação de controle, não importa quão ilusória possa ser” (TUAN, 2005, p.113), reforçar os elos comunitários é uma forma de intensificar sociabilidades que permitem garantir certo sentido de controle. Segundo S.A. tinha os programas específicos para se passar música o que também era mediante pagamento,

*Tinha os programa né. Que passava os aviso, né? E tocava música, né? Oferecia música pra uns, Oferecia música pra outros. Mas pagava, né? Aí ficava o dia inteiro, tinha horário, Certo! Até tarde, Era pela Platina mesmo.<sup>12</sup>(S.A)*

As músicas não tocavam apenas para os aniversários, mas também para as pessoas específicas, principalmente as mais queridas. No entanto, a lembrança do aniversário transmitida pelo rádio com oferecimento de uma música ainda é utilizada por algumas pessoas do Temeroso, principalmente para aquelas que mudaram para a cidade.

O rádio, pelos recados, comparecia também como uma maneira de paquerar e estabelecer certas relações sociais a uma certa distância. É evidente que “space has the ability

<sup>10</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

<sup>11</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

<sup>12</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

to join human movements together into a larger group dynamic or to fragment individual movements into isolated spatial units that do not interact visually, acoustically or bodily<sup>13</sup>” (COATES; SEAMON, 1984, p.8), de modo a criar uma espécie de espacialidade transitória que se arquiteta no momento da troca de recados. É um lugar, ainda que efêmero, pelo qual as pessoas conseguem se comunicar e efetivar sociabilidades. I.F. conta como era feito:

*Nois passava né, recebia, passava..uns com os outros nós passava música no dia do aniversário. Esses dias eu tava lembrando o tanto que era bão né, Poucos dias a madrinha passou música pra mim, mas eu nem retribuí, que eu esqueci o dia do aniversário dela né. Ela passou no meu aniversário, em outubro, ela passou aqui pela Rádio Novo Horizonte, É só ligar lá pra pedi.<sup>14</sup>*

Os nexos permanecem perpetuados por meio de outras rádios. No caso, tanto a interlocutora quanto a pessoa que passou a música para o aniversário eram do Temeroso e se mudaram para Gurinhatã por motivos de saúde. A lógica comunitária continuou a ser realizada mesmo com a mudança. Segundo a mesma, pela Rádio Novo Horizonte, na época do diálogo, várias pessoas ofereciam músicas umas para as outras.

Para algumas pessoas, escutar os avisos do rádio também proporcionam lembranças dolorosas, já que tinham pessoas que gostavam de enviar os recados e, com o falecimento delas as músicas se tornam tristes e não mais felizes. I.F. nos fala que,

*O João gostava de passá. Era todo dia, todo dia ele ligava lá para o Valdir passa, era a mesma coisa, mesma música. Eu nem gosto de escutá mais, acho triste, que ele gostava né.<sup>15</sup>*

Como seu marido gostava de pedir música, uma em especial, quando ela liga o rádio e por acaso alguém a oferece ela imediatamente fica triste pela memória e desliga o rádio. No caso em específico, esse fato ocorria quando eles já tinham se mudado para Gurinhatã em que a comunicação com a rádio já era mais facilitada.

Como “emotions move; affects circulate. Emotions and affects are mobile<sup>16</sup>” (PILE, 2010, p.10), há uma projeção subjetiva que é efetivada pela senhora viúva. Ao discorrer sobre a forma como é a lembrança do marido associada ao rádio também aponta que remonta à época em que vivia no Temeroso, a garantir um componente espacial e móvel. Pela geografia afetiva de seu lembrar, ela é transportada a uma experiência específica de lugar hoje marcada pela

<sup>13</sup> “Espaço tem a habilidade de agrupar movimentos humanos em um grupo dinâmico ou fragmentar movimentos individuais em unidades espaciais que não interagem visualmente, acusticamente ou corporeamente.” (COATES; SEAMON, 1984, p.8, tradução livre).

<sup>14</sup> Diálogo Realizado em março de 2016.

<sup>15</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

<sup>16</sup> “Emoções se movem; afetos circulam. Emoções e afetos são móveis.” (PILE, 2010, p.10)

tristeza. Há, portanto, no modo de viver o lugar, uma carga emotiva que é desenvolvida por meio de sentimentos que também podem ser inferidos de tristezas.

No entanto não são apenas as notícias felizes que são repassadas pelo rádio. A morte de algum membro da comunidade também era descoberta por meio do aparelho. Segundo J., já apresentado como o coordenador da até então Rádio Novo Horizonte,

*E somos os porta voz de quem, deixou esse mundo, porque, somos a primeira, as pessoas em primeira mão a saber que outro faleceu. Através da rádio né, porque eles ligam de onde quer que seja, passa a noticia pra mim que fulano de tal faleceu, será sepultado em Gurinhaã e tal, e o seu corpo será velado no tal lugar.*<sup>17</sup>

Dessa maneira, o falecimento de alguém também proporcionava uma ligação comunitária, já que perder um membro da comunidade é perder uma parte significativa de um tecido social específico. Avisar seu falecimento é também mostrar reconhecimento e respeito pela pessoa que não mais está entre nós. O repasse dessa informação era importante para que as pessoas pudessem ir até o velório homenagear quem os deixou. No entanto, antes do rádio, o falecimento das pessoas queridas era divulgado apenas pessoalmente. Segundo Iz.,

*Antigamente, quando as pessoa morria saia avisando, pegava cavalo, ou ia de a pé, né. Eu mesmo depois que casei muitas pessoa faleceram, eles ia até lá em casa, cedinho, avisar: ô fulano de tal morreu. Não tinha comunicação nenhuma! Nenhuma, nenhuma, a não ser por carta né. A melhor condução que ia mais rápido era a cavalo né, Aí quando era longe, aí nem ia né, Num tinha jeito. Quando foi surgindo o rádio aí passava pelo rádio né!*<sup>18</sup>

A dificuldade de comunicação também refletia na velocidade que determinadas informações eram transmitidas para a comunidade, especialmente as que conectavam os sujeitos, como o nascimento de uma pessoa, o aniversário e a morte de alguém. Com o rádio as divulgações ajudaram na permanência dos laços da comunidade, pois, mesmo que vários sujeitos não estejam mais vivendo no Temeroso, eles se deslocam quando ficam sabendo tais acontecimentos e estarem presentes.

## Considerações finais

A memória e a Identidade adensam o sentido de lugar e corroboram para entendermos o constructo da territorialidade. Na contemporaneidade, com as mudanças cada vez mais rápidas, por vezes nos esquecemos dos otros tempos existentes na sociedade, entre eles o do

<sup>17</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

<sup>18</sup> Diálogo realizado em março de 2016.

camponês, baseado nas lógicas camponesas, principalmente na reciprocidade e na conexão família com a comunidade que o sujeito está inserido.

Nesse olhar, na Comunidade Patos-Temeroso encontramos lógicas que inserem nesse contexto e que corroboram para entendermos a ligação do sujeito com a terra e, com consequência, com sua própria comunidade. Ali, o rádio possuiu papel primordial no constructo do sentido comunitário e com o próprio lugar, a provocar territorialidades que ainda são presentes mesmo com a saída dos sujeitos do campo.

### **Referências Bibliográficas**

BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. **Espaço e Cultura**. UERJ: Rio de Janeiro, n. 23, p. 07-18. jan./jun. 2008.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

COATES, G. J.; SEAMON, D. Towards a Phenomenology of Place and Place-Making: Interpreting Landscape, Lifeworld and Aesthetics". **Oz**, v.6, n.1, p.6-9, 1984.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.

HEIDRICH, A. L. "Territorialidades de exclusão e inclusão social" In: REGO, N., MOLL, J. & AIGNER, C. (Orgs.) **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006, pp. 21-44.

KARJALAINEN, P. T. Lugar em Urwind: uma visão geográfica humanista. *Geograficidade*. v. 2, n. 2. Inverno 2012. pp. 4-22.

LEWICKA, M. In search of roots: memory as enabler of place attachment. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. New York: Routledge, 2014, pp.49-60.

MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 227-247.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the British Geographers**. Royal Geographical Society, n.35, p.5-20, 2010.

POCOCK, D. C. D. Place and the Novelist. *Transactions of the British Geographers*, New Series 6, 1981, p. 337-347.

SILVA, A. C. **De quem é o pedaço?:** espaço e cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, K. C. R. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. *Geograficidade*. v. 5, n. 2. Inverno 2015. pp. 26-37.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. IN: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. Visões do Brasil: Estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 167-190.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EdUel, 2013.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Geograficidade. v. 01, n. 01. Inverno 2011. pp. 04-15.

WOORTMANN, K. “Com Parente não se negueia”: Campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, UNB: Brasília, p.11-73, v. 87, n. 1, 1990.